

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais
Desafios da inserção em contextos contemporâneos.
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

“Juventude (des) acreditada”: a escola como *espaçotempo* de potência
e ampliação da vida.

Josimar Barbosa Grippa

Mestrando em Segurança Pública pela Universidade de Vila Velha – UVV.

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo – FAPES.

josimar.grippa@yahoo.com.br

Resumo:

Busca compreender as intensidades da vida em meio aos processos de constituição de violências nos cotidianos de escolas, em sua articulação com os outros contextos de vida dos estudantes-adolescentes.

Palavras-chave: Cotidiano; Violência; Ampliação da vida.

Primeiras aproximações com o tema discutido

Conto neste texto, algumas experiências e problematizações em torno de questões teórico-epistemológicas relacionadas às violências contra juventude¹ que foram vivenciadas nos encontros cotidianos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, do município de Vila Velha/ES. Para isso, vou transitar em alguns dados da minha pesquisa de Mestrado em Segurança Pública², da Universidade Vila Velha/ES. A pesquisa está em andamento e entrelaça nossas³ experiências de vida com as vidas dos *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) que fazem deste *espaçotempo* (ALVES, 2001) um lugar especial.

¹Também utilizaremos o termo estudante-adolescente para caracterizar a juventude que compõe este *espaçotempo* escolar e que transita cotidianamente em diversos contextos de vida aqui problematizados.

² Pesquisa de Mestrado intitulada “**Processos de constituição de violências nos cotidianos de escolas em sua articulação com outras redes e contextos de vida dos estudantes-adolescentes: uma aposta na escola como *espaçotempo* de potência e ampliação da vida**”, segue a orientação da Professora Doutora Maria Regina Lopes Gomes e objetiva pesquisar os processos de constituição das violências nos cotidianos de escolas em sua articulação com outras redes de atenção e atendimentos aos adolescentes-estudantes, problematizando as *praticaspolíticas* e os modos de produção do fracasso escolar, tratado na pesquisa como uma violação do direito de aprendizagem desses estudantes. Intenciona pensar também as *praticaspolíticas* de produção das violências nos enredamentos desses contextos.

³ A escrita está no plural por acreditar que as experiências do pesquisador e dos praticantes cotidianos se entrelaçam em algum momento da vida. E estes entrelaçamentos tornam-se o diferencial desta pesquisa com o cotidiano. Em alguns momentos lançaremos mão de uma escrita no singular.

Vou buscar, assim, neste texto, compreender as intensidades que se sente/vive/transpira/relaciona/compõe na vida dos *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) desta instituição escolar, reconhecendo que os modos de composição destes contextos de vida precisam ser considerados em sua *complexidade* (MORIN, 2007) e singularidades, pois os diversos “modos/fazeres” produzem diferentes jeitos de pensar as diversas manifestações das violências praticadas no interior da escola. Nesta pesquisa busco ainda entrelaçar os olhares com estes praticantes do cotidiano (FERRAÇO, 2008) para os processos de constituição das violências nos cotidianos de escolas, em sua articulação com os outros contextos de vida dos estudantes-adolescentes deste território marcado por disputas e alto índices de criminalidade.



Rua lateral da Escola, indicando as orientações para se trafegar pelo local.
Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da UVV

O município de Vila Velha é composto por cinco regiões administrativas⁴ e a instituição escolar onde esta pesquisa é realizada se localiza na região V (cinco) do município de Vila Velha e se encontra a 3 km do litoral praiano⁵. Esta região trás um contexto histórico de lutas entre proprietários e os denominados “invasores”⁶. Atualmente os moradores

⁴ As regiões administrativas do município de Vila Velha recebem as seguintes divisões e nomenclaturas: Região I – Centro. Região II – Grande Ibes. Região III – Grande Aribiri. Região IV – Grande Cobilândia. Região V – Grande Jucu.

⁵ Quando falamos do litoral praiano levamos em consideração a praia da Barra do Jucu, famosa pelo carnaval e demais festividades.

⁶ Segundo consta nos documentos da prefeitura do município e histórias dos moradores mais antigos, o bairro é fruto de uma invasão ocorrida nos anos finais da década de 1970. O bairro era uma grande fazenda improdutiva que foi invadida por moradores das proximidades e de outros vindos do Sul da Bahia e dos municípios de Minas Gerais que fazem divisa com o Espírito Santo.

possuem baixo poder aquisitivo e não usufruem de um local adequado para as práticas de atividades físicas e lazer.

Esta realidade expõe constantemente seus moradores aos complexos e violentos problemas sociais e envolvem muitas de suas crianças, adolescentes e jovens, principalmente, no uso e no envolvimento com o tráfico de drogas, fatores que inseriram o município no lamentável mapa da violência contra a juventude (WAISELFISZ, 2014) e sujeita seus moradores numa situação de “ameaça” quando se veem dispostos a alcançar o impossível (BAUMAN, 2005), especialmente quando relatam as dificuldades que tem em aceitar sua condição histórico-social, pois reconhecem as limitações para obter a identidade e o pertencimento de local. Bauman (2005) colabora com o nosso entendimento quando nos diz que “*a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa*” (p. 17-18), ou seja, o pensador polonês aponta para a necessidade de construir o sentido de pertencimento diariamente, como “*na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não só de uma tacada*” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Neste cenário, nos deparamos com sonhos que se tecem e vidas que se sentem/transpiram/vivem em meio às demandas sociais, culturais e econômicas de uma realidade marcada pelas diversas formas de violências que se manifestam e se articulam nos contextos de vida destes *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) especialmente o público jovem, sujeito da discussão deste trabalho.

A violência no Brasil cresceu muito nos últimos anos e os jovens têm sido as maiores vítimas desta lamentável constatação. Com Souza e Souza (2009) podemos considerar que a precariedade de políticas públicas para a população jovem possibilita o seu envolvimento no tráfico de drogas, nas manifestações de violências, nos usos de armas de fogo para a prática ilícita, fazendo com que esta parcela da população torne-se vítimas de um estado ausente do exercício de sua função.

Fernandes (2004) corrobora nessa justificativa apontando que os jovens, especialmente aqueles que residem nas periferias das cidades, são as principais vítimas da violência no Brasil. E quando destacamos os *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) dos *espaçostempos* de escola (ALVES, 2001) percebemos que esta constatação faz-se atual e integrante da realidade situacional desta pesquisa.

Os adolescentes-estudantes que transitam nos *espaçostempos* (ALVES, 2001) de escola o fazem de modo singular, pois trazem consigo suas histórias e experiências de vida para

serem compartilhadas e valorizadas por aqueles que desempenham o ofício de ensinar e acompanhar o seu crescimento intelectual, mesmo considerando que o indivíduo se constitui com outro. Mas essas expectativas esbarram nos equívocos da prática docente que, muitas vezes, vincula o indivíduo as mazelas da realidade local, “sem procurar compreender as suas particularidades e especificidades” (ROSA, 2013, p. 88).

Comprendemos com Rosa (2013) que:

“o risco dessa abordagem vinculativa é o de não reconhecer alguns processos de sociabilidade, intrínsecos nas diversas instâncias da própria condição juvenil, criminalizando-se, assim, a pobreza e legitimando discursos proibicionistas [...]. Assim, a falta de contextualização [...] pode resultar numa associação pouco crítica, muitas vezes de caráter universalista”. (p. 88).

Em contrapartida, este estudo realiza um mergulho com todos os sentidos nas redes cotidianas como um modo de nos aproximar daqueles que fazem do ofício de ensinar uma possibilidade de encontro, crescimento e avanços, bem como das práticas que nos apresentam elementos, muitas vezes, desfavoráveis a potencialização das crianças e dos conhecimentos. Acreditamos que o *espaçotempo* (ALVES, 2001) da escola é um dos locais onde a criança poderá vislumbrar uma infância em que a sua experiência e legitimidade não será negada (KOHAN, 2005), possibilitando a escola tornar-se um *espaçotempo* (ALVES, 2001) mais bonito e um lugar propício para desencadear laços que potencializem a ampliação da vida, uma vez que acreditamos com Augusto (2015), Alves (2001), Certeau (1994, 1995, 1996), Ferraço (2003, 2008) e Trevisol (2008) que no interior da escola se aprende os *saberes-fazeres* daqueles que nela transitam e que são necessários para adquirir o conhecimento específico, mas nela também transitam a vida daqueles que movimentam a instituição, o bairro, a comunidade. “A escola passou a ser um lugar de convívio onde se estuda, se desfruta de lazer e se decidem coisas da vida entre os habitantes do local” (AUGUSTO, 2015, p. 12).

Sendo assim, acreditamos que as violências sofridas e que também são provocadas nas redes de relações e tecidas na caminhada de escolarização desses estudantes-adolescentes influenciam de modo significativo às aprendizagens e precisam ser consideradas como *pistas e indícios* (GINZBURG, 1989) para o fracasso escolar.

Desse modo, desejamos criar algumas problematizações a partir dessas práticas praticantes cotidianos para pensar outras possibilidades de tessitura de redes que apontem a expansão e a potência da vida, contribuindo com a *invenção* (CERTEAU, 1994) de uma escola mais bonita.

Pesquisa nos/dos/com os cotidianos: um caminho possível

Na primeira tentativa de organizar as ideias trazemos nossas experiências de vida, nossos encontros de estudos, partilhas e reflexões com/nos cotidianos; as vivências nas escolas, igrejas, praças e outras redes das quais encontramos com *adolescentes-estudantes*, além dos diálogos realizados no Grupo de Estudo⁷ do Curso de Pedagogia da Universidade de Vila Velha/ES, do qual transitamos para problematizar algumas situações possíveis. Enfim, trazemos aquilo que nos passa, que tem nos passado e produzido sentidos de vida... “Estudar: algo (se) passa. Entre ler e escrever algo (se) passa” (LARROSA, 2003).



Atividades realizadas que potencializam o encontro e o diálogo entre pesquisador e os praticantes cotidianos de uma EMEF em Vila Velha/ES.
Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da UVV

Para tanto valemo-nos dos estudos e pesquisas “*com*” os cotidianos (FERRAÇO, 2003) para nossas problematizações e aproximações das diferentes realidades que são afetadas com nossa presença e que nos afetam, uma vez que estamos aprendendo com Maturana (1998) que os contextos de vida que pertencemos não podem ser pensados de maneira isolada, para esse autor, conhecimento e vida não se separam. Na mesma direção somos

⁷ O Grupo de Pesquisa é recente e, por este motivo, ainda não tem nome específico. A pesquisa “Sobre as diferentes *práticas políticas* de alfabetização tecidas nos cotidianos de escolas: entre a potência da aprendizagem e a produção do fracasso escolar como violação de direitos” é coordenado pela professora Doutora Maria Regina Lopes e, objetiva pesquisar os processos de constituição das violências em contextos escolares em sua articulação com outras redes de atendimento e proteção às crianças e adolescente, problematizando a produção e os modos de apropriação de conhecimento da leitura e da escrita como um direito dos estudantes, especialmente, daqueles que enfrentam o fracasso escolar.

orientados por Pérez e Azevedo (2008) em não afirmar o conhecimento sobre o outro, mas, que devemos buscar compreender as complexidades existentes nas redes que conectam os contextos de vida que são apresentados nos cotidianos da pesquisa.

Assim, a construção dos entrelaçamentos que são apresentados neste estudo partirá do entendimento de que as práticas das violências, produzidas nos *espaçostempos* (ALVES, 2001), não podem ser pensadas sem dar importância aos atravessamentos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais, pedagógicos, éticos e estéticos e as relações de poder que estão em jogo nessas redes cotidianas. Ou seja, para nós, com as ajudas de Certeau (1994 e 1996) a ideia de violências deve ser entendida por dentro da vida, considerando as multiplicidades e a complexidade das redes que estamos todos mergulhados e que nos constituem cotidianamente.

Usamos ainda outros pensadores dos cotidianos: os alunos, professores, funcionários e familiares dos *adolescentes-estudantes*, moradores do bairro onde a escola está inserida, dos quais suas ideias e verdades se entrelaçam com as dos pensadores teóricos por acreditarem e valorizarem a vida que se dá na relação entre os sujeitos praticantes deste cotidiano. Concordando com Certeau (1994) acreditamos que as narrativas dos sujeitos que praticam os espaços sociais, especialmente a escola, são importantes e precisam ser valorizados como autores e protagonistas de suas produções. Com Ferrazo (2008) aprendemos que a pesquisa com o cotidiano propõe ao pesquisador a vivência dos processos sociais, educacionais, históricos *com* os sujeitos das escolas, utilizando como metodologia a produção em vez de apenas coletar dados.

Sendo assim, como tentativa de analisar e compreender os atravessamentos que nos passam e tocam (LARROSA, 2003), usamos como estratégia a aproximação, entrosamento e relação com os *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994), especialmente, com os adolescentes que vivenciam os aspectos do ambiente escolar, considerando que os praticantes do cotidiano são “sujeitos protagonistas e autores da pesquisa” (FERRAÇO, 2008, p. 27).

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 1996, p.31).

A cada encontro com os praticantes do cotidiano vou configurando uma nova visão de escola, além de pensar os possíveis caminhos que posso transitar no sistema educacional,

especialmente, quando o caminho se faz com aqueles que movimentam o ambiente escolar, o estudante de múltiplas facetas.

A dimensão do lugar, do praticado, do vivido (CERTEAU, 1994, 1996) leva-nos a acreditar que os indícios (GINZBURG, 1989) do que está sendo feito-pensado-falado podem ser considerados como pistas que potencializam as relações, a ampliação da vida e as novas maneiras/formas de produzir conhecimentos. Para tanto, considero o *saberfazer* de Ferrazo (2008):

“Nesse sentido, há dois aspectos que precisam ser considerados. O primeiro deles coloca a necessidade de essa análise privilegiar os *saberespráticas* dos sujeitos cotidianos, assumindo como sujeitos complexos e encarnados” (p. 28).

A realidade sofrida dessa gente não possibilita as crianças traçarem metas e perspectivas de vida, uma vez que a maioria passa por problemas estruturais no seio familiar, além de não encontrar locais propícios de lazer ou que favoreça a realização de práticas esportivas coletivas, nem o encontro com o cultural e o lúdico; sem contar que o atendimento na área de saúde é precário e se esbarra nos conflitos de gangues que lutam por poder e espaço pelas ruas do bairro, isso impossibilita o convívio e a utilização dos serviços oferecidos para a região.

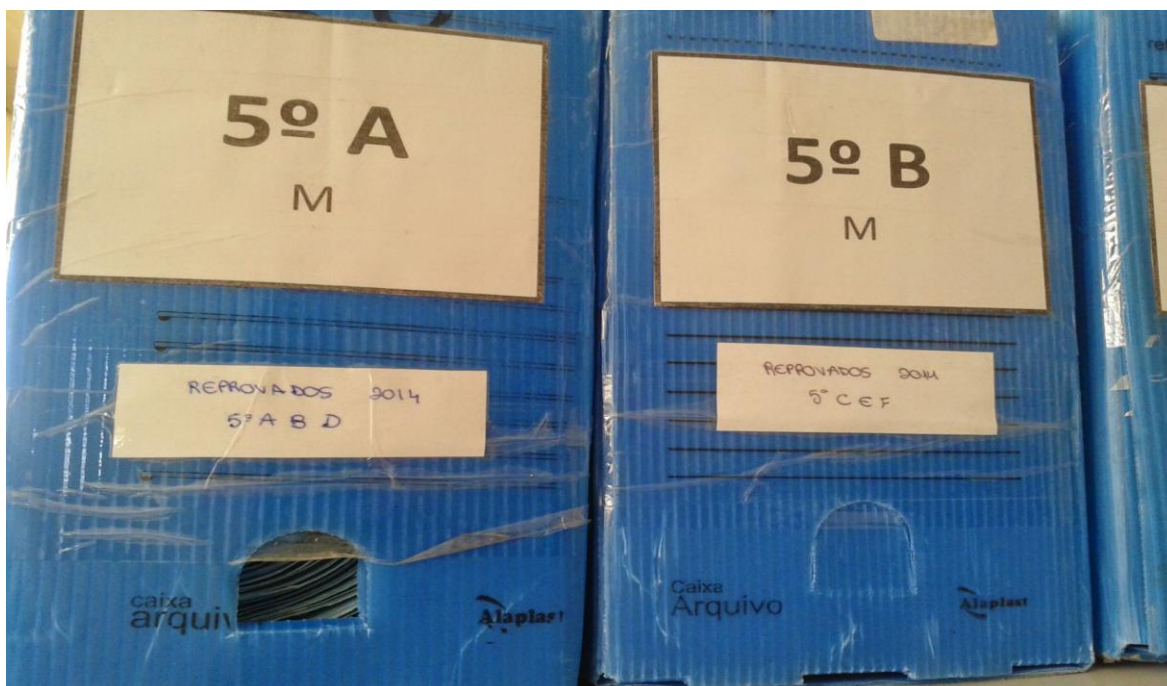


Proximidade da EMEF, em Vila Velha/ES.
Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da UVV

Os conflitos externos à escola movimentam o seu ambiente, uma vez que as relações de produção de violências afetam o convívio dos estudantes-adolescentes, bem como a relação dos *praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) que frequentam este *espaçotempo* escolar (ALVES, 2001).



Rua Lateral da EMEF em Vila Velha/ES.
Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da UVV



Violência simbólica provocada pela escola: divisão das turmas entre aprovados e reprovados.

Fonte: Arquivo do Grupo de Estudos da UVV

Mesmo com a constatação das manifestações de violências praticadas pela instituição escolar, o olhar estudantes-adolescentes para o seu ambiente de estudos é de admiração e respeito, uma vez que compreendem a importância da escola em suas vidas, pois reconhecem que este *espaçotempo* é “diferente” do habitual, pois possibilita novas

perspectivas de vida, novos relacionamentos, novas ideias e um mundo de oportunidade; além de oferecer acolhimento, calçado e uniforme escolar, carinho, espaço para a prática esportiva e lazer, educação, respeito, entre outras práticas de amorosidade que conduzem a uma nova postura frente aos desafios do cotidiano.

Segundo Santos (2000) a relação estabelecida com a comunidade é “o mais bem colocado para instaurar uma dialética positiva com o pilar da emancipação” (p. 75), reconhecemos com Kohan (2008) que a comunidade escolar possibilita ao aluno realizar seu próprio caminho de emancipação, uma vez que, segundo este mesmo autor, “ninguém emancipa ninguém” (p.248).

Os corpos dos estudantes-adolescentes realizam comandos que fogem aos padrões das regras estabelecidas para a boa convivência, ou seja, seus comportamentos reproduzem suas experiências e práticas cotidianas. Novamente recordamos Maturana (1998) quando expressa que os contextos de vida dos quais pertencemos não podem ser pensados de maneira isolada, deste modo, faz-nos pensar nas realidades das quais estamos inseridos e que nos afetam, proporcionando um encontro entre as experiências que ocorrem dentro e fora da escola.

Pensar as possibilidades de inserção dos padrões de cidadania no cotidiano desses adolescentes-estudantes não será (ou seria) uma tarefa fácil, como também não será (ou seria) fácil pensar outros mecanismos de controle para transformar estas crianças ardeiras em jovem e, conseqüentemente, adultos ordeiros (ROSA, 2009. AUGUSTO, 2015). Antes de tudo é preciso que a comunidade alcance uma estruturação que possibilite o convívio social para a escola não ser apenas o lugar da disciplina e da ocorrência, mas como o lugar do encontro, da renovação do sonho, e do reconhecendo de que o ambiente escolar carrega em si outros caminhos possíveis de ensinamento e relação.

Caso contrário, continuaremos promovendo a exclusão histórico-social do outro que se apresenta como legítimo, como protagonista e participante de uma história de lutas, superação e vitórias cotidianas. E a escola pode ser este *espaçotempo* (ALVES, 2001) que potencializa e amplia a vida nas suas diversas maneiras/modos de se manifestar.

Que a aposta seja a escuta atenta dessas vozes singulares que tornam vivas e tecem as teorias das práticas (CERTEAU, 1994), que consistem num fluir de interações articuladas aos intercâmbios desses praticantes cotidianos, trazendo-as para o centro da discussão as problematizações dessas políticas que precisam ser estabelecidas nas adjacências da escola.

Vozes e narrativas que, para fazerem sentido, segundo Certeau (1994), precisam ser contadas de novo, ouvidas outra vez...

Portanto, para alcançar uma melhor compreensão do sentido de escola, e conseqüentemente não traduzir os nossos jovens a estatísticas apreensões e mortes, precisamos compreender os movimentos, formas e as intensidades das forças da vida praticada nos/dos/com cotidianos, percebendo os enredamentos apreendidos com os fios dos aspectos sociais dos estudantes e dos envolvidos no processo educacional, visualizando os trabalhos e parceiras exercidos das outras redes de atendimento dessas crianças, adolescentes e jovens na realidade local almejando a construção não só de uma escola, mas de um bairro e sociedade mais bonitos, pois lançamos apostas no ser humano que se coloca como legítimo outro (MATURANA, 1997) e que constrói sua história numa coletividade de experiências, compreendendo que nesta realidade encontramos uma juventude que tem potencial vontade de *fazersaberfazer*.

Deste modo, a juventude voltará a ser confiante nos seus potenciais e promoverá a ampliação da vida em suas diversidades e a escola será um espaçotempo de potência e ampliação da vida, abrindo uma nova configuração de sentido de vida e de tudo o que nela encerra.

Referências:

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-37.

AUGUSTO, Acácio. Governando crianças e jovens: escola, drogas e violência. In: RESENDE, Haroldo (Org.). **Michel Foucault**: o governo da infância. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 11-24.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gradei. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano**: morar e cozinhar. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

FERNANDES, C. R. Segurança para viver: propostas para uma política de redução da violência entre os adolescentes e jovens. In: NOVAIS, Regina e Vannuchi. Paulo. (Orgs.) **Juventude e sociedade**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FERRAÇO, Carlos Eduardo, PEREZ, Carmen Lúcia Vidal e OLIVEIRA, Inês Barbosa. Diferentes abordagens, temas e modos de ser da pesquisa nos/dos com os cotidianos. In: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V. e OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP ET alii, 2008, p. 23-34 – Coleção: Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação.

GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 237-255.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí?. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Estudar = Estudiar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Linguagem e educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATURANA, R., Humberto; Cristina Magro, Miriam Graciano, Nelson Vaz (orgs.). **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MATURANA, R., Humberto. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, R., Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NEGRI, Antonio. **A constituição do comum**. Conferência Inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo: economia do conhecimento e a constituição do comum. 24 e 25 de outubro de 2005, Rio de Janeiro. Organizada pela Rede Universidade Nômade e pela Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS).

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal e AZEVEDO, Joanir Gomes de. Apontamentos de aulas: questões teórico-metodológicas a respeito dos estudos *com* o cotidiano. In: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V. e OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP ET alii, 2008, p. 23-34 – Coleção: Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação.

ROSA, Pablo Ornelas. **Juventude das prisões mascaradas como alvo das políticas criminais de drogas**. Vigilância, Segurança e Controle Social. PUCPR: Curitiba: Surveillance in Latin America – 4-6 de março de 2009.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez. 2000.

SOUZA, Robson Sávio Reis & SOUZA, A. M. D. N. **Juventude e Violência: novas demandas para a educação e segurança públicas**. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 06, p. 114-133, 2010.

TREVISOL, Jorge. **Educação transpessoal: um jeito de educar a partir da interioridade**. São Paulo: Paulinas, 2008 (Coleção: viver como protagonista).

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014: Jovens no Brasil**. Centro Brasileiro de estudos latino-americano. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014. [versão preliminar].